

SONS E MÚSICAS: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO COMPLEMENTAR

Maria de Fátima Vieira¹
Almir Francisco de Sousa²

INTRODUÇÃO

Os sons estão presentes no dia a dia das pessoas, nos campos, na cidade, em todos os cantos. Quando organizados e transformados em música, encantam-nos a todos. De acordo com a Coleção Conexões, "música é um conjunto de sons combinados segundo padrões determinados. Estes sons (notas musicais) podem ser reproduzidos por vozes, instrumentos ou pela própria natureza." (CONEXÕES, 2005, p. 4). Esta definição de música trouxe inspiração para o projeto pedagógico que culminou neste relato de experiência.

O presente texto trata-se de um registro das inquietações, observações e impressões coletadas durante o desenvolvimento do projeto "Um canto em cada canto, meus primeiros passos na música", desenvolvido em uma turma de alunos inscritos na Atividade Educação Complementar, modalidade Acompanhamento Pedagógico, do Centro Educacional Sesc Ler de Acauã, em Piauí.

A turma é composta por 25 alunos, com idade entre 11 e 14 anos, regularmente matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º anos) em uma escola regular de ensino e que, no contraturno do dia letivo, participam das ações oferecidas pelo Centro Educacional Sesc Ler de Acauã – PI. São crianças que compõem a camada social de baixa renda do município e, em sua grande maioria, vivem com suas famílias com renda total inferior a um salário mínimo por mês, renda esta muitas vezes advinda de programas do Governo Federal, como o Bolsa Família ou diárias de serviço. Cuidam-se de crianças dispostas a transformar seu modo de vida, sendo apoiadas e incentivadas pelo Sesc.

O projeto surgiu a partir da escuta atenta e sensível de conversas entre os alunos, em que era colocado o desejo de aprender a tocar violão e, por esta razão, cogitavam faltar às demais aulas da educação complementar cerca de dois dias na semana para focar nos estudos do referido instrumento musical. Diante da manifestação dos alunos e da necessidade do momento, alunos e professora, coletivamente, pensaram, construíram e desenvolveram o projeto "Um canto em cada canto, meus primeiros passos na música".

A iniciativa impulsionada pelo sentimento do grupo se harmoniza com as palavras de Schafer (1992):

Abre-te! Abre-te ouvido, para os sons do mundo, abre-te, ouvido, para os sons existentes, desaparecidos, imaginados, pensados, sonhados, fruídos! Abre-te para os sons originais, da criação do mundo, do início de todas as eras... Para os sons rituais, para os sons míticos, místicos, mágicos. Encantados... Para os sons de hoje e de amanhã. Para os sons da terra, do ar e da água... Para os sons cósmicos, microcósmicos, macrocósmicos... Mas abre-te também para os sons de aqui e de agora, para os sons do cotidiano, da cidade, dos campos, das máquinas, dos animais, do corpo, da voz... Abre-te, ouvido, para os sons da vida... (FONTERRADA apud SCHAFFER, 1992, p. 10-11).

¹ Pedagoga formada pela Universidade Estadual do Piauí/UESPI. Especialista em Educação Infantil pela Universidade Estadual do Piauí/UESPI. Atualmente Professora do Centro Educacional Sesc Ler de Acauã Piauí, (Serviço Social do Comércio, Departamento Regional do Estado do Piauí); kazinha_n1@hotmail.com;

² Pedagogo formado pela Universidade Estadual do Piauí/UESPI. Especialista em Docência dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, das Populações do Campo e Carcerária, na modalidade Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Federal do Piauí/UFPI. Atualmente Diretor do Centro Educacional Sesc Ler de Acauã (Serviço Social do Comércio, Departamento Regional do Estado do Piauí); almirfrancodsousa@hotmail.com.

A partir deste abrir de ouvidos para os sons do mundo, da vida, dos nossos alunos, o referido projeto ganhou forma, corpo, com a intenção e o objetivo de construir conhecimentos na área da música e noções básicas de uso e manuseio de instrumentos musicais como o violão e o cajon.

Descreve-se precisamente neste relato uma experiência que traz reflexões e contribuições de forma relevante sobre a inserção da música no cotidiano escolar, um texto escrito de modo contextualizado, com objetividade e aporte teórico.

Os encontros do projeto em discussão foram mediados pelo viés da teoria e da prática do universo da música, permitindo descobertas, vivências musicais e trocas de experiência e propiciando aos alunos e demais envolvidos a oportunidade de contato com uma diversidade de objetos que produzem sons e de sua organização de forma sinfônica. Como orienta e se manifesta Schafer (1992, p. 285), “O que me interessa realmente é que os jovens façam sua própria música, seguindo suas inclinações, conforme achem melhor. Para que isso aconteça, os professores precisam ser muito cuidadosos, sabendo como e quando interferir.”

Portanto, as ações realizadas no projeto ofereceram possibilidades de aprendizado na área da música, atendendo à aspiração e às expectativas da clientela – alunos do citado Centro Educacional.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este artigo trata-se de um relato de experiência das ações desenvolvidas no projeto “Um canto em cada canto, meus primeiros passos na música”, adotando-se como metodologia o aporte teórico/bibliográfico em Schafer (1992) e Fialho e Araldi (2011), autores que discutem, entre outros temas, a música na educação, a experimentação em música e a integração da cultura musical aos conhecimentos oferecidos pela educação formal a partir das experiências escolares. A abordagem é, ainda, descritiva, pois tem como foco principal a descrição do fenômeno e da população que o envolve, bem como o estabelecimento de relações entre essas variáveis (GIL, 2008, p. 28).

DESENVOLVIMENTO

No início das aulas, os alunos estudaram a origem dos instrumentos (violão e cajon), de modo a ampliar seus conhecimentos acerca do objeto em estudo para, a partir daí, serem orientados com mais eficiência sobre a parte física dos instrumentos. Iniciando com o violão, cada aluno teve a oportunidade de manusear e conhecer parte por parte do instrumento, tais como: mão, tarraxas, pestanas, braço, trastes, casas, marcação, cavaletes, cordas, boca, fundo abertura, tampo, corpo, lateral e tróculo. Loureiro (2004), nesse sentido, aponta:

Qualquer pessoa pode fazer música e se expressar através dela, desde que sejam oferecidas condições necessárias para sua prática. Quando afirmamos que qualquer pessoa pode desenvolver-se musicalmente, consideramos a necessidade de tornar acessível, às crianças e aos jovens, a atividade musical de forma ampla e democrática. (LOUREIRO, 2004, p. 66).

Cada uma das partes citadas foi apresentada aos alunos por se entender que o bom conhecimento acerca de cada uma delas facilitaria sobremaneira no momento de início das aulas práticas com o instrumento. Uma vez superada esta fase, iniciou-se o conhecimento sobre a mão posicionada no braço do violão (mão esquerda, para quem é destro; mão direita, para quem é canhoto). Os dedos são chamados por números, sendo assim identificados: 1 para

indicador, 2 para médio, 3 para anelar e 4 para mínimo. O polegar não recebe qualquer numeração, pois é usado como apoio e se posiciona atrás do braço do violão.

A partir de então, cada aluno pegava o violão e começava a experimentar os sons com mais propriedade e a compreender a posição das mãos, apesar da pressa em começar a executar os acordes e tocar a primeira música, compreenderam que cada passo anterior era importante para o aprendizado:

Aproximar um corpo de outro. Por a mão em; apalpar, pegar. Por-se em contato com; roçar em alguma coisa. Fazer soar, assoprando, tangendo ou percutindo. Produzir música, executar um instrumento. Bater palmas, os pés no chão. Estalar a língua, os dedos. Assobiar. Todas estas definições são possíveis para a palavra tocar (KRIEGER, 2007, p. 29).

Para o cajon, ocorreu o mesmo processo, sendo, porém, bem menor o número de partes deste instrumento – apenas três –, assim situadas: na parte superior tem-se o som agudo – “caixa” e vassourinha; o chibbal se localiza mais abaixo; e, no centro, o som grave, representando o “bumbo”.

Compreender a função das mãos neste momento e como tocar cada instrumento é indispensável. No violão, por exemplo, há de se posicionar corretamente – sentar-se na postura popular, na postura clássica, na postura flamenco –, sendo possível escolher uma dessas opções, ajudando sempre o aluno a compreender que seja qual for a postura que escolher, a mão, o corpo e a mente devem estar sempre bem relaxados. Para tanto, foram realizadas inúmeras atividades, visando, em especial, o sentimento de satisfação e unidade do grupo:

A interpretação deve proporcionar um sentimento de unidade para grupos de som. É determinante que os exercícios de reprodução – sejam eles rítmicos ou melódicos, vocais ou instrumentais – iniciem de modo fácil e curto para evitar o bloqueio psicológico que ocorre quando há um fracasso na execução do exercício. As dificuldades devem ser em ordem crescente e gradualmente, de acordo com o andamento de cada aula e a reação de cada turma. (FIALHO; ARALDI, 2011, p. 176).

Em seguida, ainda no violão, trabalha-se a mão direita – que é a mão do ritmo –, levando em consideração como ela se movimenta e como se movimentam seus dedos, identificados por números. A movimentação passa, inicialmente, pelas cordas soltas, repetidas vezes. Em relação às duas mãos, a mais trabalhosa e mais complicada é sempre a mão direita, pois é dela que provém também o som bonito, a característica sonora da melodia. Daí a sua complexidade e delicadeza, razão pela qual optamos por seguir todas essas atividades práticas e necessárias a esta etapa. Registra-se, por oportuno, que a mão esquerda – em que se executam os acordes, vale dizer, a harmonização – foi trabalhada posteriormente, como adiante se verá.

Antes de iniciar as atividades práticas no cajon, os alunos tiveram contato com uma diversidade de materiais e objetos que produzem sons, a saber, mesas e cadeiras da sala de aula, usadas nas aulas práticas de ritmos diversos para o exercício de percussão. A cada dia que se passava, maior era o número de participantes, sempre empolgados diante de tudo que lhes era apresentado.

Os alunos tiveram, ainda, a oportunidade de aprender um pouco de canto (teoria e prática), em um momento criado para se mostrar que a música é a combinação de ritmos, harmonia e melodia e como tudo isso funciona na prática. Para ajudar na compreensão do tema, realizamos um momento de escuta de diferentes músicas, diferentes ritmos, diferentes artistas e diferentes estilos para, assim, tentar mostrar aos alunos que para escutar um som é preciso que um corpo material (instrumento) esteja vibrando.

Fazia-se indispensável naquele momento esclarecer que os sons são emitidos através da vibração dos corpos, e também emitidos e propagados através do ar. A altura, diretamente relacionada com a frequência sonora, é o elemento responsável por classificar um som em grave e agudo. Para entender essa classificação, é necessário entender como funciona, na prática, a relação entre altura e frequência.

Ainda para facilitar a compreensão e perceber a diferença entre agudo e grave, o que é som alto, o que é som baixo e os seus porquês, os alunos experimentaram e fizeram uma porção de barulhos e sons para identificar os dois tipos citados: agudo – som com maior frequência (vibrações rápidas) que corresponde a um som alto, logo agudo (exemplos de instrumentos que emitem tal som: apito, clarinete, flauta, trompete e violino); e grave – som com menor frequência (vibrações lentas), que corresponde a um som baixo, logo grave (exemplos de instrumentos que o emitem: contrabaixo, trombone, tuba e outros). Vale lembrar que “alto” e “baixo” não se referem a volume (intensidade), e sim à altura do som, sua frequência.

Para contribuir ainda mais com o aprendizado, realizou-se uma atividade prática inicialmente por meio da audição de uma música cantada, bem como do canto executado pelos aprendizes, identificando-se os momentos em que a música estava em grave e as situações em que ela transitava pelos sons agudos. As aulas práticas no violão iniciaram-se pelos estudos e execução dos acordes maiores – LÁ, SI, DÓ, RÉ, MI, FÁ e SOL –, simbolizados pelas cifras A, B, C, D, E, F e G. Foram necessárias algumas aulas voltadas à prática desses acordes a fim de facilitar sua execução e troca no momento da performance de uma música, exercícios estes que os alunos pegavam com facilidade, principalmente aqueles acordes sem pestana. A execução de notas que demandam essa posição ocasionava dificuldades em todos.

Uma vez estando bem na movimentação das mãos, passamos a aprender os acordes menores – LÁm, SIm, DÓm, MIm, FÁm, SOLm ou, na forma cifrada, Am, Bm, Cm, Dm, Em, Fm e Gm. Uma vez realizados tais exercícios, passou-se a ensaiar a primeira música, "Pra não dizer que não falei das flores", de Geraldo Vandré, gravada em 1968, um clássico da MPB escolhido por conter uma bela mensagem, ser de ritmo fácil e por ser executado com poucos acordes. Não demoraram dois dias para que estivessem tocando e cantando em uma nova versão, exatamente como lhes fora orientado e incentivado, momento em que o projeto se coroou, ouvindo-se de fato um “canto em cada canto”. De igual modo, os alunos aprenderam o básico do cajon.

Durante o projeto, a sede por conhecimento na área da música parecia algo insaciável. Era notável a vontade de adquirirem mais e mais saberes, de tocarem todo tipo de música, até mesmo algumas consideradas difíceis para iniciantes, e uma das ferramentas para essa busca foi a internet, com o auxílio de computadores.

Observou-se, ainda, que os alunos, sempre em grupos, trocavam experiências acerca do que aprendiam nas aulas e em casa. Era altamente gratificante presenciar o empenho de todos: um envolvimento que contagiava.

Ainda durante o desenvolvimento do projeto, os alunos tiveram a oportunidade de visitar uma fábrica de violão. A ocasião foi proveitosa a todos. Era impossível não notar a avidez por desvendar cada detalhe da fabricação do instrumento em observação e, dessa forma, sanar uma curiosidade para, novamente, descobrir outras. A turma visitante fez várias perguntas ao funcionário da fábrica, que também era músico e nos conduziu durante a visita.

Todas as perguntas por nós formuladas foram prontamente respondidas durante a visita. Uma recomendação do nosso ‘guia’ chamou a atenção: “Para quem está aprendendo a tocar, não há a necessidade de investir em um instrumento caro. O ideal, na verdade, é encontrar um violão de boa qualidade e com uma sonoridade que você goste, para te acompanhar em sua trajetória musical; em relação ao tamanho, varia também de acordo com o

tamanho do corpo físico da pessoa interessada; quanto ao encordamento, há quem não goste de náilon, mas geralmente indica-se esse material por ser mais macio e não incomodar tanto o aprendiz”.

Assim, foi possível concluir cada etapa do projeto. Ainda que os aprendizes tivessem o desejo de estar sempre à frente, tiveram o cuidado de não pular etapas, aproveitando ao máximo aquilo que era oportunizado em cada uma delas, o que tornou o aprendizado bem mais prazeroso e facilitou o processo ensino-aprendizagem. A experiência revelou um grande poder de tornar o espaço educativo, qual seja, a escola, um ambiente mais receptivo e alegre, fazendo com que os alunos quisessem estar nele sempre e dedicarem-se cada vez mais às suas atividades. Rinaldi (2012) reflete sobre essa perspectiva:

Para mim, entretanto, existe um fator determinante que raramente é levado em consideração. É o fato de que continuamos a falar da escola, do ensino e da aprendizagem utilizando apenas a linguagem verbal, a palavra falada e a escrita. Gerações de educadores têm levado adiante sua formação inicial e seu desenvolvimento profissional continuado sem jamais refletir sobre a variedade de coisas que sabemos acerca do aprendizado e sobre o relacionamento do aprendizado com o seu contexto. E, em especial, abdicando da busca por novas formas, novas linguagens, que possam lhes permitir viver, partilhar, narrar e desempenhar os eventos do aprendizado. (RINALDI, 2012, p. 183).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação do projeto mencionado neste relato trouxe algumas reflexões positivas que se configuram como resultado da ação. Destaca-se que aqueles alunos que pensavam em faltar às demais aulas do ensino complementar promovido pelo Sesc Acauã/PI para aprender a tocar violão passaram a frequentar a Unidade também em outros turnos, além daquele o qual frequentava, de modo a continuar construindo as aprendizagens e aprimorar novos conhecimentos recém-adquiridos, tornando, assim, o ambiente escolar bem caloroso e mais frequentado tanto por eles, alunos, como por outros adolescentes da comunidade que também se encantaram com o projeto.

Ao passar pela experiência do canto, os alunos também se envolveram ao máximo nas aulas básicas sobre as principais orientações técnicas sobre música oferecidas no decorrer do projeto, o que permitiu revelar muitos talentos: alguns adolescentes com vozes afinadas contagiavam com seu som, outros que conseguiram tocar violão e cajon, com qualidade musical, e ainda aqueles que produziam sons de forma harmônica com objetos como mesa, cadeira e, até mesmo, com seu próprio corpo.

Outro momento de destaque observado como resultado foi a culminância, os momentos finais do projeto, quando foram convidados artistas locais para se apresentarem juntamente com os alunos que, a essa altura, já sabiam tocar o violão e o cajon, oportunidade em que também houve uma roda de conversa em torno da experiência com esses profissionais da área da música.

A turma cantou e encantou, mostrando o que já sabia e o que aprendeu com o projeto. Os estudantes conseguiram mostrar grandes resultados. Ao final de dois meses, obtiveram mais que o esperado, podendo tocar vários estilos de músicas e ritmos, ritmos estes que também foram trabalhados por meio do acesso ao cajon e outros meios utilizados no decorrer do projeto.

Foi, sem dúvida, um momento de muitas emoções diante das apresentações dos alunos que tocavam e cantavam, outros que só tocavam, outros que só cantavam, expondo, deste modo, a riqueza cultural adquirida em tão pouco tempo e que os conhecimentos musicais lhes eram realmente importantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro desta perspectiva, entende-se que não basta trazer o aluno para dentro de um espaço escolar, ambiente caracterizado, de maneira formal, por quatro paredes, um quadro de acrílico, pincel atômico e carteiras. É necessário adotar situações metodológicas que atendam às necessidades dos sujeitos, fator essencial para que ocorra a interação entre as práticas sociais reais que vivenciam no dia a dia e o mundo formal escolar.

Esta experiência nos chamou a atenção para a nossa condição de aprendente enquanto professor em sala de aula, no sentido de valorizarmos a fala dos alunos como contribuição para nos apontar significativas pistas para o processo de ensino-aprendizagem. É, portanto, na escuta dos alunos que precisamos focar o nosso saber ouvir e enxergá-los como fundamental na definição de estratégias para o nosso trabalho pedagógico na educação.

Palavras-chave: Música; Educação; Experimentos musicais; Sons; Educação complementar.

REFERÊNCIAS

CONEXÕES. **Música**. São Paulo: Editora Callus, 1º ed. 4ª reimpressão, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FIALHO, Vania Malagutti; ARALDI, Juciane. **Maurice Martenot: educando com e para a música**. Pedagogia em educação musical/Teresa Monteiro, Beatriz Ilari, (Org). Curitiba: IbpeX, 2011. (Série Educação Musical).

KRIEGER, Elisabeth. **Descobrimos a Música: idéias para sala de aula**. Ed. Sulinas, 2005.

LOUREIRO, Alicia M. A. **A educação musical como prática educativa no cotidiano escolar**. Revista da ABEM, Porto Alegre, n. 10, 2004.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido Pensante**. São Paulo. (trad.) Marisa Fonterrada. Fundação Editora da UNESP, 1992.